

A festa do pinhão pode celebrar também o papagaio charão

Categories : [Maria Tereza Jorge Pádua](#)

Em 1970, conheci o cônsul dos EUA no Rio de Janeiro. Seu nome era William Belton e ele era um *birdwatcher* fanático. Eu havia começado a trabalhar no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), herdeiro do Instituto Nacional do Pinho, órgão que só ajudou a exterminar as araucárias do Brasil, espécie cuja situação já estava beirando a extinção.

Este foi um dos motivos pelo qual Belton tanto se esforçou para advertir os engenheiros florestais, conservacionistas e ornitólogos brasileiros de que, se não cuidassem melhor das [araucárias](#) ([Araucaria angustifolia](#)), ocorreria uma hecatombe na população dos [papagaios charões](#) ([Amazona pretrei](#)), que dependem delas e cujas maiores concentrações estão nos estados de Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Hoje, restam somente 150.000 hectares de mata de araucária, dos quais mais de 50% no estado de Santa Catarina.

Como parte da estratégia de Willian Belton para preservar o charão e outras aves, o cônsul conseguiu, já em 1970, que eu assistisse ao curso anual de administração e manejo de áreas protegidas, nos EUA, Canada e México. Da mesma forma, providenciou que o Dr. Paulo Zuquim Antas fosse fazer um treinamento específico sobre anilhamento de aves migratórias. Não satisfeito, Belton fez ainda mais: obteve pessoalmente uma doação de anilhas, que praticamente não existiam nos órgãos governamentais do Brasil.

Outra etapa da proteção dos charões começou décadas atrás com as pesquisas meticulosas e constantes do Dr. Jaime Martinez e de sua esposa Nemora, apoiadas há 20 anos pela [Fundação Grupo Boticário](#).

Sobre os assuntos aqui mencionados brevemente, há farto material bibliográfico para aqueles que queiram ou que precisem das pesquisas sobre charões. Porém, ((o))eco dá-me a oportunidade, através desta coluna, de repetir a advertência de Belton sobre o que vem acontecendo com as populações de araucárias, principalmente na [cidade de Lages, em Santa Catarina](#), que detém a maior concentração de papagaios-charões do mundo: um espetáculo que há quase 50 anos atrás fez o Cônsul chorar de emoção.

O potencial de ecoturismo em Lages

"(...) ninguém sabe informar,
quer seja nos melhores

hotéis, restaurantes ou bares de Lages, onde ver os papagaios. A grande maioria responde indagando: “papagaio-charão, o que é isso?”

Lages é conhecida pela sua festa anual de pinhões. As sementes da Araucária são apreciadas não apenas pelos visitantes da festa de pinhões, mas também pela população de charões, sendo o principal motivo da maior concentração dos charões no município. Portanto, a araucária representa um recurso de grande potencial econômico e importância ecológica para os municípios da região serrana de Santa Catarina. Porém, não há ainda um aproveitamento de todo potencial turístico relacionado, direta ou indiretamente, à população de araucárias da região. Se por um lado a festa do pinhão consegue atrair muitos visitantes interessados em comer pinhão, por outro, a cultura turística local relacionada às visitas interessadas na observação e pesquisa dos papagaios ainda é incipiente. Desde autoridades locais, estaduais e, principalmente, o pessoal envolvido com serviços turísticos, ninguém sabe informar, quer seja nos melhores hotéis, restaurantes ou bares de Lages, onde ver os papagaios. A grande maioria responde indagando: “papagaio-charão, o que é isso? ”. Não obstante, mesmo com todo o potencial econômico do pinhão, ainda se tem poucos projetos, ações e políticas públicas com objetivo de preservar as araucárias no município, para que seu aproveitamento econômico seja sustentável e se conserve o recurso de maior interesse da população.

Como é possível explicar para aquela população que eles possuem em seu município e nos vizinhos, além do pinhão, a maior concentração do planeta de um animal tão barulhento e especial como o papagaio-charão?

Esses [psitacídeos](#) desapareceram da Estação Ecológica de Aracuri, no Rio Grande do Sul, que foi criada para protegê-los. Devido à destruição das araucárias nos arredores, dispersaram-se pelo Estado e agora migram para a Serra Catarinense atrás de sua fonte de alimento: o gostoso e disputado pinhão.

O que [\(\(o\)\)eco](#), a [Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem \(SPVS\)](#) e a Associação dos Amigos do Meio Ambiente (AMA) de Jaime e Nêmera, mais as Universidades da região já envolvidas podem fazer em um ano eleitoral para que Lages acorde para sua maior atração turística e pare de desmatar e queimar as últimas araucárias do país?

Estamos recebendo sugestões e ajuda do público interessado e de grandes ONGs. Mas sensibilizar as autoridades locais e o setor turístico de Lages vem sendo um desafio, mesmo com

todo o empenho de ambientalistas e pesquisadores. Como chacoalhar Lages? Existem algumas áreas protegidas e [RPPNs](#) na região, mas, com honrosas exceções, quase sempre abandonadas à própria sorte.

Porém, é necessário capacitar mais e melhor os guias turísticos, agricultores e até os candidatos a prefeito do município para que realmente acreditem que o fenômeno pode trazer, para o município e para o estado, muito mais renda com o ecoturismo e com as demandas dos pesquisadores. A pequena cidade de [Urupema](#) vem dando bons exemplos, com a famosa hospitalidade do povo serrano de Santa Catarina, atrai turistas interessados nas belezas naturais e na atividade de observação de pássaros, investindo cada vez mais em infraestrutura turística, hotelaria, pousadas e na capacitação da população local.

Estivemos com cientistas na região serrana de Santa Catarina na semana passada e vimos ontem, em um canal de TV, um dos maiores ornitólogos do país, [Dr. Fabio Olmos](#), em Urupema, na pousada ecológica Rios dos Touros. Seus proprietários, o Biólogo Fernando e sua simpática esposa Rose, não medem esforços a favor da conscientização da importância da preservação dos charões, além dos poucos [papagaios-de-peito-roxo \(*Amazona vinacia*\)](#), atualmente bem mais ameaçados do que os próprios charões.

Fabio Olmos, a AMA (Associação Amigos do Meio Ambiente), a Fundação Grupo Boticário e muitos outros merecem nosso respeito e agradecimento, mas apesar dos alertas e do esforço de Belton nos anos 1970, as araucárias continuam a desaparecer sob nossas barbas; queimadas, substituídas por plantios de pinus, gado ou permacultura.

Tentativas de salvar um pouco do que resta vêm sendo feitas por ONGs e por cientistas e amadores, mas a verdade é que os papagaios do Sul do Brasil continuam a diminuir.

Sob meu ponto de vista, além da fiscalização, que é dever dos órgãos ambientais, é preciso haver mais capacitação e treinamento nas áreas de ocorrência dos papagaios, mais pesquisa e turismo ecológico podem demonstrar, como feito em pequena escala no município de Urupema, que o pinhão e os charões podem competir em termos econômicos com outras atividades econômicas tradicionais do setor agrícola.

Se não houver esta chance, vamos ter que nos acostumar a não termos mais nem pinhões nem araucárias, nem festa e nem charões em Santa Catarina.

Leia também

<http://www.oeco.org.br/colunas/maria-tereza-jorge-padua/25077-a-visita-anual-dos-papagaios/>
http://www.oeco.org.br/reportagens/1214-oeco_13065/

